

# A "sinistrose" de Cláudio Haddad, o pessimismo dos mais lúcidos

*Dívida Pública*

16 JUL 1980

TRIBUNA DA IMPRENSA

De HELIO FERNANDES

O MOMENTO não está para brincadeiras, para mistificações, a situação interna e externa exigiria uma compostura e um tipo de preocupação que infelizmente não se encontra nem no "governo" nem na "oposição" (pelo menos uma parte dela, fortemente gravada pelas aspas, merecidamente). Não temos que escolher entre OTIMISMO VAZIO ou PESSIMISMO CRONICO e sim apanhar os dados da realidade, e analisá-los, esmiuçá-los, dessecá-los longa, sincera e imparcialmente. E os dados dessa realidade não são favoráveis nem no Brasil nem no mundo. E é evidente que havendo uma grave situação desfavorável no mundo desenvolvido e industrializado (os trustes, as multinacionais ou trilaterais, como foram sendo chamados sucessivamente os mesmos grupos exploradores de sempre), temos que ser fortemente atingidos por essa situação de crise mundial. E somos atingidos duplamente. Pela crise mundial propriamente dita e pela nossa imprevidência de anos e anos, pelo fato de termos sido criminosamente perdulários em matéria de dívida externa, por termos sido IRRESPONSABILÍSSIMOS em matéria de balanço de pagamentos.

DURANTE anos e anos fui o único repórter brasileiro a escrever sobre esses problemas de dívida externa, de balanço de pagamentos, de sujeição às multinacionais. E os responsáveis pela política econômica e financeira de todos os governos, sem exceção, respondiam direta ou indiretamente, sempre com a mesma segurança inflexível: "Temos tudo sob controle. Nosso prestígio externo está cada vez mais alto, não temos problemas de crédito". Parecia um realejo, tenho arquivadas montanhas dessas respostas. E enquanto os responsáveis (responsáveis?) pela política econômica e financeira do País, gargalhavam de satisfação, ficava mais evidente que eles não tinham o mínimo de condições para fazer uma avaliação correta da situação, antes ou depois de 1973, quando a OPEP surgiu como o grande fantasma de tudo. Mas na verdade, no nosso caso, no problema do Brasil, a OPEP e o aumento do petróleo só fizeram acelerar uma crise que estava colocada e para a qual não tínhamos nenhuma previsão a curto, a médio ou a longo prazos. Não ligávamos pura e simplesmente para a dívida externa e para os déficits crescentes no balanço de pagamentos e já então também na balança comercial.

A OPEP até que serviu como biombo, como cortina ou como chantage monumental no caso brasileiro. A nossa imprevidência crônica, a nossa submissão aos mais vorazes grupos multinacionais, todos os erros que fomos cometendo ao longo dos anos, desde a compra do ferro velho da AMFORP, passando pela compra dos muitos montes de sucata que eram as estradas de ferro pertencentes a grupos estrangeiros já saciados nesse tipo de negócio e precisando

de dinheiro para investir em outros setores mais lucrativos, até chegar à compra imoral, escandalosa e vergonhosa da Light, pela qual os srs. Ernesto Geisel e Shigeaki Ueki deveriam responder perante um Tribunal Popular se é que não podem mesmo ser processados, julgados e evidentemente condenados pela Justiça comum. Pois quem compra uma empresa que estava "doida para ser vendida", pelo menos precisa desconfiar de alguma coisa. E quem compra uma empresa que seria nossa dentro de pouco tempo, pagando 480 milhões de dólares à vista e assumindo dívidas de mais de 1 bilhão e 200 milhões de dólares contraídas nos últimos 2 anos antes da venda (quando a empresa também já estava à venda), deveria estar inabilitado, impossibilitado ou impedido de exercer qualquer outra atividade. Pois enquanto o sr. Shigeaki Ueki saiu da venda da Light para a presidência da Petrobrás (que loucura!), o sr. Ernesto Geisel continua rondando a crise brasileira com olhos cobiçosos voltados para o Planalto. É evidente que isso que eu citei é apenas uma gota d'água no mar das nossas dificuldades.

AGORA NÃO TEMOS MAIS SOLUÇÃO. Nem a curto nem a médio prazos. E o chamado longo prazo não existe entre os remédios que podem nos salvar. Pois se estamos com as vísceras à vista, com fratura de crânio, com as pernas quebradas e sem poder sequer abrir a boca para respirar, o médio prazo já é uma loucura quanto mais o chamado longo prazo. Nossos problemas se agravam, se amontoam, se multiplicam, se agigantam, exigem soluções a curtíssimo prazo, e soluções que não tenham nada a ver com o maldito EXPORTAR É A SOLUÇÃO, infâmia das infâmias que nos venderam como salvação enquanto nós vendíamos em contrapartida todo o produto do esforço do homem brasileiro. E assim, liquidando tudo, "COM A DÍVIDA EXTERNA SOB CONTROLE, COM O BALANÇO DE PAGAMENTOS SEM PROVOCAR INQUIETAÇÃO", chegamos à situação atual. E quando esperávamos uma solução salvadora, alguma coisa drástica e audaciosa, "a montanha pariu um ratinho", e rigorosamente dentro das regras clássicas da "ginecologia econômica e financeira": inventaram um sr. Cláudio Haddad e transformaram o DEPARTAMENTO DA DÍVIDA PÚBLICA em DIRETORIA DA DÍVIDA PÚBLICA. Agora está tudo salvo, não existe mais problema, o estrangulamento consistia apenas nisso: a dívida pública era cuidada apenas por um DEPARTAMENTO, que agora, elevado à condição de DIRETORIA, resolverá todos os problemas nacionais.

E O NOVO "gênio" que surgiu nas finanças e na economia brasileira, já dominou manchetes, conquistou os "jornais amigos" e os "colunistas amestrados", cantam-se louvores a ele, fazem-se poemas à sua capacidade, constrói-se toda uma estrada pa-

vimentada de ouro por onde ele possa passar diariamente na sua nova faina de salvar o Brasil. Mas de onde teria surgido tão inesperadamente o sr. Cláudio Haddad, "imposto" ao sr. Delfim Netto não se sabe por quem, mas seguramente contra a sua vontade e contra o caminho que o sr. Delfim Netto segura até aqui? Se Delfim Netto era um desastre, o sr. Cláudio Haddad é um desastre ainda maior, só que agora teremos um desastre duplo, dois desastres se chocando, um se jogando contra o outro. Só que Delfim Netto vem na sua mão de sempre, e o sr. Cláudio Haddad entra pela contramão, mas ambos rigorosamente incapazes de tirar o Brasil das dificuldades terríveis. O sr. Cláudio Haddad é mais um ônus que teremos que suportar, com a agravante que o Brasil tem agora duas políticas para um só setor econômico e financeiro.

O SR. CLAUDIO HADDAD leva uma vantagem inequívoca sobre Delfim Netto e Roberto Campos, mas não sobre Mário Simonsen: ele é bem sucedido na vida privada. Mas bem sucedido à custa da irresponsabilidade geral que dominou o Brasil nestes últimos 15 anos, embora desses 15 anos ele só tenha aproveitado 7, pois ainda era (e é) muito moço. O sr. Cláudio Haddad era operador de open da Garantia, e depois de operador de open passou a conselheiro da empresa, "trabalhando" junto ao dono da empresa, o tenista Jorge Paulo Lemann. Essa Garantia começou do ZERO há 7 anos, e tem hoje um PATRIMÔNIO LÍQUIDO de 1.779.725.728,37. Isso significa que essa montanha de dinheiro foi ganha em apenas 7 anos. Quase 2 trilhões antigos partindo do zero e em apenas 7 anos, é de estarrecer, de gelar as veias, ou uma violenta condenação ao sistema, à sua fiscalização, à sua forma de tributação, a tudo o que se conhece. Sabem qual é o capital HOJE da Garantia? Apenas 600 bilhões antigos. Quando tinha o capital de 1 bilhão antigo, a Garantia ganhou 200 bilhões antigos num ano só, operando exclusivamente no open. Como é que um homem desses, comprometido dessa maneira, acreditando acima de tudo no juro livre, na inflação também livre, e no arrocho salarial, pode ser elevado a essa condição de "faixa" do sr. Delfim Netto? Isso é que a nação inteira gostaria de saber.

QUEM teria "inventado" esse gênio que se confessa monetarista, e portanto dá a todos a impressão ou a idéia mais do que consolidada e contraproducente de que haverá uma expansão dos meios de pagamento? Mas o que o sr. Delfim Netto dizia que estava fazendo não era exatamente o contrário? Então, não há dúvida. A crise é tão grave que já atingiu o estágio da loucura.

PS — Os dados sobre a Garantia estão no balanço dessa empresa, publicado em 31 de maio de 1980, portanto exatamente há 45 dias. Não é muito.

H. F.